

## MEMÓRIA, HISTÓRIA, FEMINISMO

*Clarissa Velozo Jacobina<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O artigo apresenta questionamentos feitos a partir de pesquisa em desenvolvimento no âmbito do programa de pós-graduação em memória social da Unirio, que tem como objeto o uso da memória das bruxas por vertentes feministas americanas, surgidas nos anos sessenta. A partir da historicização e da pesquisa desse período histórico, ou seja, do período de ascensão da segunda onda do feminismo e, de maneira mais geral, da nova esquerda americana, problemas de caráter teórico, metodológico e das práticas políticas utilizadas por esses grupos foram levantados. O período de emergência da nova esquerda coincide com a crise do capital nos países centrais, com a reestruturação produtiva pela implantação do modo de produção flexibilizado, inaugurando o capitalismo tardio. Ao mesmo tempo, na esteira da nova dinâmica de circulação das informações pelos meios de comunicação em massa, a filosofia e a história operam o giro linguístico e, conseqüentemente, a predominância do campo simbólico em suas reflexões. Nesse cenário, as práticas e teorias de setores do movimento feminista que rememoram as bruxas aparecem como insuficientes para efetiva compreensão da realidade, assim como o referencial teórico da memória social.

### **Palavras-chave**

Feminismo, Memória, Pós-modernismo, Marxismo

### **1 Introdução**

A pesquisa em desenvolvimento no âmbito do programa de pós-graduação, em memória social da Unirio, tem como objeto de estudo o uso da memória das bruxas por vertentes feministas americanas surgidas nos anos sessenta. A partir da historicização e da pesquisa desse período histórico, ou seja, do período de ascensão da segunda onda do feminismo e, de maneira mais geral, da nova esquerda americana, problemas de caráter teórico e metodológico da

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, mestranda em memória social pela mesma instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Contato: [clarissajacobina@gmail.com](mailto:clarissajacobina@gmail.com).

pesquisa e das próprias práticas políticas realizadas pelos grupos estudados foram colocados em questão.

Desse modo, este trabalho apresentará de forma sumária: os antecedentes históricos que concorreram para o surgimento dessas vertentes e tendências do feminismo que rememoram as bruxas; o contexto específico de sua formação e suas características; os pressupostos teóricos primariamente utilizados para compreender o fenômeno da rememoração das bruxas e como e porque tais pressupostos foram problematizados.

## **2 Antecedentes para a formação da nova esquerda**

O período de emergência da nova esquerda, nos anos sessenta, é caracterizado por uma miríade de complexidades e contradições que a antecedem. De saída, podemos destacar o cenário internacional informado pela Guerra Fria, a contracultura e o início do ocaso da expansão econômica combinada com relativas benesses à classe trabalhadora, a anômala “era de ouro do capitalismo” (HOBSBAWN, 1995). Para compreender suas articulações é imprescindível um pequeno recuo histórico.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o sistema de produção capitalista americano, intocado territorialmente pela guerra, conheceu um período de relativa estabilidade e prosperidade. Aumentou-se o acesso à educação, as novas tecnologias e os bens de consumo duráveis invadiram os lares suburbanos, forjados em casamentos estáveis, com o do homem exercendo o papel de provedor. No plano político internacional, o governo Truman se preocupa em construir a nova ordem mundial para disputa hegemônica, baseada nos consensos de Bretton-Woods e, internamente, empreende a política de segurança em defesa da democracia. Interna e externamente, portanto, o país se organiza institucionalmente em oposição ao sistema comunista, liderado pela União Soviética.

É desencadeada uma intensa e por vezes paranoica perseguição aos “subversivos”, em especial aos comunistas, lastreada objetivamente na Lei de Segurança Nacional de 1947, que criou o Departamento de Defesa, o Conselho de Segurança Nacional e a Agência Central de Inteligência (FMI). O Senador Joseph McCarthy é um grande entusiasta dessa política e ficou conhecido pelos seus discursos e propostas de leis anticomunistas, chanceladas não só pelo partido republicano, mas também pelos democratas. A fusão do AFL (American Federation of Labor) e da CIO (Congress of Industrial Organizations) em 1955 combinada com o

desaparecimento do Partido Comunista no ano seguinte é, de acordo com JAMENSON (1991), a maior vitória do macathismo, que fragilizou brutalmente as clássicas formas de organização da classe trabalhadora.

No âmbito cultural, vive-se o auge do alto modernismo traduzido na forma estado-unidense pelo expressionismo abstrato. Tal corrente artística estava perfeitamente adequada à ordem liberal de consumo massificado. Isso é bastante nítido na arquitetura e urbanização, fortemente influenciadas pelas concepções de Le Corbusier, com grandes prédios habitacionais racionalizados espacialmente sem grandes ornamentos. Já nas outras modalidades de artes em geral, o expressionismo abstrato representava “a síntese da longa trajetória do moderno que, iniciada em Paris entre 1850 e 1860, havia inexoravelmente conduzido a Nova York – a vitória cultural norte-americana sucedia a vitória nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial” (HUYSEN, 1991, p.32).

Os movimentos sociais e os atos ventilados pela nova esquerda no final dos anos sessenta em muito se contrapõem à estética e aos pressupostos do alto modernismo, especialmente nos seus aspectos de racionalização burocrática da cidade, naturalizando os regimes temporais cronometrados pelos pontos nas fábricas. Ou seja, questionam a dominância de uma cultura afirmativa, reproduzida em massa, como já postulava BENJAMIN (2018) com a “reprodutibilidade técnica”, adestrada a ordem liberal capitalista. Os movimentos contra culturais se insurgem contra exatamente esse viés do modernismo, imbuídos do sentimento antiautoritário e por melhores condições de vida. Formado principalmente por jovens, filhos da grande depressão, os *baby boomers*<sup>2</sup> criticavam a vida cotidiana unidimensional totalizada pelo capital.

As tecnologias herdadas das demandas da guerra como o rádio, bens portáteis e o desenvolvimento da área de informação também revolucionaram o ambiente americano. Os investimentos em tecnologia estavam na ordem do dia das políticas dos países desenvolvidos e, apesar da crescente mecanização de postos de trabalho, o crescimento econômico era grande a ponto de manter o número alto de empregados e, ainda, organizar uma divisão internacional do trabalho lucrativa para os países centrais.

O capitalismo se transformou num arranjo bem-sucedido entre liberalismo econômico e democracia social, nunca antes visto, e com objetivos políticos de contenção do comunismo.

---

2 Nascidos entre 1940 e 1964.

Parte da classe operária era, na medida da manutenção do lucro do capital, relativamente mais bem paga e consumidora. Os avanços e desenvolvimentos de pesquisas em tecnologia demandavam o aumento dos cursos universitários, nos quais se matriculavam veteranos da guerra e mais jovens por meio de políticas públicas. O acesso à formação básica e superior se tornou muito mais acessível e o número de estudantes cresceu copiosamente. (HOBSBAWM, 1995)

A produção segue a lógica verticalizada, organizada em segmentos e amplamente massificada do fordismo e do taylorismo. Esses modos de organização e massificação da classe trabalhadora, constituíram, também, uma nova subjetividade, calcada na estabilidade, na formação da família, com o vislumbamento de ascensão dos descendentes, forjando e planejando a vida de acordo com uma narrativa atrelada ao trabalho (SENNET, 2005). Ao mesmo tempo em que fornecia limitadamente graus de conforto, a técnica e a burocratização por meio da intensa mecanização, divisão e fragmentação da atividade do trabalhador, transformou-o em extensão da máquina, alienando-o ainda mais do processo total de produção. A tecnologia prestava serviço a instrumentalização da humanidade, não a sua emancipação.

Nesses anos dourados, os americanos também experimentaram a “era de ouro do casamento”: cerca de 95% da população era casada entre a metade da década de 50 e início da década de 60 (COONTZ, 2015). A ideia do casamento baseado em rígidos papéis de gênero, sendo o homem provedor, foi disseminada por propaganda governamental como um lugar de estabilidade e ancoragem contra os perigos do comunismo (ORLEK, 2015). Aliado a isso, foram desenvolvidas sistema de rodovias para integração e expansão dos subúrbios, além das baixas taxas de empréstimos para financiamento de casas. Toda a mística feminina da dona de casa e mãe moradora do subúrbio foi erigida pelo governo e seus aparelhos de hegemonia, como a mídia, sendo posteriormente desmistificada pelas leitoras de Betty Friedman no célebre livro *A mística feminina*, publicado em 1963.

A estabilidade econômica, acesso à bens e fixidez familiar é construída em paralelo ao enfraquecimento dos sindicatos. O estado é intermediário entre os líderes sindicais, que atuam pela base do consenso com os patrões. Há, ainda, as perseguições aos comunistas, como anteriormente mencionado. Ora, depois da fusão do American Federation of Labor com Congress of Industrial Organizations, em 1955 “over 200,000 union officers had taken a pledge

that they were not, nor had they been, members of the Communist party”<sup>3</sup> (FAUE, 2017, p. 127), garantindo o fim de qualquer possibilidade radical por parte dos trabalhadores estadunidenses. A força da categoria do proletariado como classe social e a esquerda clássica estava em franco recesso, era tempo de consenso e relativo conforto por meio da tecnologia.

A própria referência concreta classicamente de esquerda, a URSS, passava por dificuldades enormes e era contraposta a novas experiências revolucionárias como a Revolução Cultural, Revolução Cubana e os processos de libertação nacional no terceiro mundo. Essas outras experiências muito influenciariam os movimentos sociais e estudantis, componentes da nova esquerda americana, formadora também de novos sujeitos revolucionários. Ora, os grupos de tomada de consciência, modo de encontro de feministas, eram abertamente inspirados em técnicas chinesas, como a técnica *falar de dor*. Os atos coletivos baseavam-se na técnica do “teatro de guerrilha”, inspirado em Che Guevara e o movimento negro estava largamente informado por um nacionalismo revolucionário, como o que motivou a libertação dos países africanos. Ou seja, há a assimilação de novas formas de organização, táticas e estratégias.

O teórico considerado guru dos movimentos estudantis pela grande mídia americana, Herbert Marcuse, descreve a dinâmica do crescimento econômico no que diz respeito as consequências do enorme aumento do consumo e difusão da tecnologia organizada pela burocracia burguesa. Segundo ele, a imposição da produção capitalista formaria pessoas inclinadas à unidimensionalidade da vida, regidos imperiosamente pelos desejos, sonhos e vontades que o mercado impõe por meio do trabalho e da propaganda. Como praticamente todas as mediações sociais passam a ser realizadas pela lógica da troca de mercadorias, a população fica cada vez mais submetida ao totalitarismo do mercado e aos processos de alienação e reificação e fetiche.

MARCUSE (2015) aponta também para a miséria da filosofia quantitativa e instrumental, tais como as correntes funcionalistas, cerradas em sistemas gerais e abstratos fechados em si, eliminando as contradições da materialidade. O autor aponta, inclusive, para a validade e potência da memória como meio de desvelar as contradições do capitalismo dominado pela técnica, já que “a lembrança do passado pode causar *insights* perigosos e a sociedade estabelecida parece estar com medo dos conteúdos subversivos da memória” (p. 118, MARCUSE, 2015). Ou seja, a memória pode ser uma via de rompimento com a

---

3 “Mais de 200.000 oficiais sindicais tiveram que jurar não serem ou não terem sido membros do Partido Comunista.”

unidimensionalidade, colocando à tona a negatividade e a dialética própria do mundo, mesmo o dominado pela técnica e pelo mercado.

Feita essa breve contextualização geral e apresentação dos fatores sobre os quais emergem os movimentos sociais e contraculturais dos anos sessenta, especificaremos, na próxima seção, o surgimento dos movimentos feministas de segunda onda e a rememoração das bruxas.

### **3. As especificidades da formação da segunda onda do feminismo e as bruxas**

Desses precedentes e ambientação é que surgem os novos movimentos de esquerda. Seu aparecimento em específico está estreitamente ligado às associações estudantis SDS, *Students for a democracy society* e SNCC, *Student Nonviolent Coordination Comitte*, grupos focados em ações não violentas com vistas a dar fim ao regime de segregação racial institucionalizado pelas Leis Jim Crow no sul dos Estados Unidos. A experiência das mulheres nesses grupos foi marcada pelo intenso aprendizado militante, pois foram nesses espaços de aprendizado e luta que elas começam a tomar consciência de sua condição, questionando suas atividades sistematicamente relegada à limpeza e ao secretariado.

Ao mesmo tempo em que elas questionam seu papel, o movimento negro no qual estão inseridas começa a se radicalizar, uma vez que percebem as limitações das conquistas por igualdade de direitos, como a Lei de Direito ao Voto em 1965. A não emancipação vinda do sistema legal os torna céticos quanto a ordem liberal, fazendo com que o movimento negro se radicalize. Nesse contexto, os movimentos nacionalistas revolucionários de descolonização dos países africanos cumprem um enorme papel e dão as bases para a afirmação do *Black Power*, para a criação dos Panteras Negras em 1966, e, em alguns segmentos, o impulsionamento de processo de autodeterminação e a afirmação da identidade.

A radicalização do movimento por direitos civis e a percepção da subalternidade do papel das mulheres nessas organizações, são fatores cruciais para que as mulheres comecem a debandar para articular o seu próprio movimento. Essa articulação se organiza em torno de alguns grupos: o NYRW, *New York Radical Women*, o NOW, *National Organization for Women*, o Redstocking e o W.I.T.C.H, que, por sua vez, eram formados por outros diversos pequenos grupos de tomada de consciência, nos quais as mulheres se reuniam para compartilhar suas experiências como mulheres. É por via desses encontros que elas descobrem, por exemplo,

que “o pessoal é político”, ou seja, questões vivenciadas em suas relações familiares, amicais ou amorosas estavam eivadas de questões políticas maiores e estruturais. A subjetividade invade e articula em mediação com o campo da política. A exceção do NOW, que organizava e militava em torno de mudanças legislativas, as outras organizações entendiam a necessária separação, momentânea ou não, do movimento feminista da nova esquerda em geral, seja para a teorização e aprofundamento da tomada de consciência, seja para articular ações. (ECHOLS, 2019)

O grupo estudado especificadamente na pesquisa é o W.I.T.C.H, visto que é o grupo que reivindica a atualização e a apropriação das bruxas ou de quem foram as bruxas e todo o evento histórico do caça às bruxas. Tal grupo surge a partir de divergências entre mulheres organizadas em grupos de tomada de consciência dentro do NYRW. A divergência é entre as chamadas “políticas” e as chamadas “radicais”, as primeiras entendiam a necessidade iminente e primordial de ações públicas, de agir para mudar o “sistema” e as segundas entendiam a necessidade de continuidade dos grupos de tomada de consciência e estudos sobre a condição feminina na sociedade. Desse antagonismo há a cisão entre esses grupos e a fundação, em 1968, do coletivo W.I.T.C.H, acrônimo, naquele momento, para *Women's conspiracy from Hell*<sup>4</sup>, liderado pela escritora e jornalista Robin Morgan; e a fundação do Redstockings, liderado por Shulamith Firestone, autora do livro *The Dialectic of Sex: The case for Feminist Revolution*, obra indispensável, assim como a coletânea de ensaios organizados por Morgan, *Sisterhood is Powerfull*, para entender a vertente radical. Ambos foram lançados no ano de 1970.

No manifesto de formação, o W.I.T.C.H. evidencia seu caráter de luta, sem perder a leveza e o tom jocoso. Nele manifestam que todas as mulheres são bruxas ou ciganas e entendem essas figuras como as primeiras guerrilheiras feministas e lutadoras pela resistência contra opressões, além de terem sido as primeiras cientistas e curandeiras, mulheres inteligentes e curiosas, revolucionárias e libertas sexualmente, até o momento no qual a elas foi sobreposto a desigualdade e a destruição da natureza pela opressão fálica capitalista (MORGAN, 1970). Muito do que foi escrito no manifesto se relaciona com teorias postulatórias da existência do matriarcado antes da formação do capitalismo.

O primeiro ato do grupo aconteceu no mesmo ano da sua formação, na ocasião do Halloween, em Nova York. MORGAN (2014) descreve o evento como o dia que as bruxas

---

4 Conspiração de Mulheres do Inferno. O significado do acrônimo pode mudar de acordo com os atos e ações do grupo.

enfeitam Wall Street: vestidas de preto e com chapéus pontiagudos, as bruxas jogaram sua magia ancestral para destruir o Distrito Financeiro, símbolo imperialista e tirânico do capitalismo.

Outro ato da organização foi a aparição num ato contra a Guerra do Vietnã, em que houve certa resistência ao método do Teatro de Guerrilha. Já o último ato, ocorrido em 15 de fevereiro de 1969, aconteceu na feira para noivas que aconteceria no Madison Square Garden, em Nova York, que era entendida como uma espécie de síntese do enorme mercado em torno do casamento, dominado por corporações e propagandas. O lema da intervenção era “Confront the housewhores”<sup>5</sup>. Centenas de adesivos com essa frase foram colados pela cidade, como forma de divulgação. O alvo principal da vez era a instituição do casamento no contexto da família burguesa.

Além desse coletivo, a pesquisa se debruça, outrossim, sobre a formação, no mesmo período, de grupos de mulheres para realização de rituais em devoção a Deusas. Muitas delas se formam em *witch covens*<sup>6</sup>, com o florescimento de religiosidades pagãs como o *Wicca*. Esses encontros e formulações sobre o feminismo podem ser entendidos como uma tendência do feminismo radical, chamada feminismo espiritual. O feminismo espiritual, por sua vez, deriva da radicalização do feminismo radical pela via cultural e buscava a criação de uma nova cultura para uma nova sociedade.

É nesse cenário o feminismo espiritual se desenvolve, a partir da própria forma de organização e cultura ativista dos pequenos grupos de tomada de consciência. Feministas espirituais entendem que uma religiosidade especialmente sensível às mulheres e ao feminino ampliaria ainda mais a consciência. O fato é que a asserção “o pessoal é político” começa a abarcar, também, a questão espiritual. De acordo com ADLER (2006), pesquisadora ativa do movimento e devota da religiosidade feminista, a divisão entre a esfera espiritual e a esfera política seria uma falsa dicotomia criada pelo patriarcado, assim como a da mente e do corpo, da carne com a alma.

O feminismo espiritual deve ser entendido em conjunto com o movimento *New Age*, se distinguindo apenas pela demarcação política feminista e, não raro, ecológica, apesar de muitas praticantes do feminismo espiritual não se reconhecerem no movimento da nova era. Esse movimento está imerso na contracultura americana e renova algumas de suas principais

---

5 “Confrontando as prostitutas domésticas.”

6 Reunião de bruxas.

expressões como o movimento *beat* e o movimento *hippie*. A maior novidade em relação a essas seria sua relação inerente ao aspecto espiritual, sendo conhecida por fundar religiões do eu nas quais os deuses e o poder divino habitam a própria pessoa que pode acessá-los sem a mediação de templos e grandes rituais, mas, muitas vezes, no próprio cotidiano. Alguns amuletos como cristais, pêndulos, incensos, velas ajudam esse acesso, outras técnicas mais mediativas como o tarô, massagens, meditação também são utilizadas. Além disso, existe toda a produção de livros de autoajuda e músicas.

Zsuzsanna Budapest é uma das principais ativistas e articuladoras dessa tendência feminista. Fundadora do primeiro *coven* de bruxas, é praticante e disseminadora do Wicca Diânica, baseado em rituais feitos com outras mulheres para a celebração das bruxas, com rodas de dança, banhos, círculos e etc. Miriam Simons, mais conhecida como Starhawk, é uma importante sacerdotisa formada por Budapest e também iniciada nas práticas da *Faery Witchcraft*<sup>7</sup>. Em 1979, ela lança o livro *A dança cósmica das Feiticeiras. Guia de rituais da Grande Deusa*, um clássico internacional que já está na vigésima edição nos Estados Unidos. Esse é um livro de divulgação e de ensinamento de rituais, meditações e preces que podem ser feitas tanto individualmente, como coletivamente. Para a comemoração do lançamento do livro, Starhawk organizou um grande ritual público em São Francisco, na Califórnia, reunindo artistas, músicos e dançarinos. O ritual ficou conhecido como “ritual da dança cósmica” que passou a acontecer todos os anos. Em 1982, os participantes mais frequentes juntos com Starhawk criam o coletivo político e *coven* de bruxas *Reclaiming*.

Essa tradição da bruxaria moderna entende a terra e todos os seres vivos que nela habitam como sagrados e profundamente conectados uns com os outros e com a natureza. Seus adeptos devem honrar o princípio selvagem e não temê-lo, devem nutrir sua comunidade de bruxos, com afeto e compromisso. Como é característico da Nova Era, o *reclaiming* “see the Goddess as immanent in the earth’s cycles of birth, growth, death, decay and regeneration”, mas como específico das espiritualidades feminista “our practice arises from a deep, spiritual commitment to the earth, to healing and to the linking of magic with political action<sup>8</sup>”, há o componente político explícito (STARHAWK, 1999, p.6).

---

<sup>7</sup> Bruxaria de fadas, acolhe mitos de fadas, elfos, espíritos, etc.

<sup>8</sup> “Vemos a deusa como imanente aos ciclos de nascimento, crescimento, morte, decadência e regeneração da terra”/ “nossa prática surge do profundo compromisso espiritual com a terra, a cura e a ligação da mágica à ação política”

Tal ação política é sempre não violenta e preocupada com várias áreas como meio ambiente, raça, gênero, libertação sexual, desarmamento nuclear e economia. A própria Starhawk conta, em defesa das acusações de feministas de que o feminismo espiritual não seria politicamente ativo, as várias vezes em que foi presa em protestos e todas as ações políticas não violentas que ela pratica e organiza tais com o escrever sobre a espiritualidade da Deusa, passar a espiritualidade adiante e os cursos sobre permacultura organizados pelo *Reclaiming* (STARHAWK, 1999).

O *reclaiming* pratica a espiritualidade da Deusa, bruxaria ou Antiga Religião, inspirados nas estações do ano, nos ritmos da natureza visto no sol, na lua, no voo dos pássaros, no crescimento das árvores...A identidade da Deusa com a natureza faz da bruxaria feminista ecológica: “Witchcraft can be seen as a religion of ecology. Its goal is harmony with nature, só that life may not just survive, but thrive.<sup>9</sup>”. O movimento *reclaiming* pauta fervorosamente a questão do colapso ambiental.

Outra vertente analisada pela pesquisa é a do feminismo marxista, em especial uma tendência fecundada nessa época e relacionada com a lembrança da bruxa. Essa tendência atuava por meio do coletivo internacional *Wages for Housework Campaign*, suas principais teóricas e articuladoras são Mariarosa Dalla Costa, Silvia Federici e Leopoldina Fortunati. Elas contribuem, especialmente, para a formulação da teoria da reprodução social. As duas últimas estudam o tema da gênese do trabalho doméstico e, para dar conta do objeto, aprofundam a historicização do capitalismo no período da acumulação primitiva, estudando o caça às bruxas como elemento crucial para entender as relações de trabalho nesse sistema.

Na introdução do seu mais recente livro *Calibã e a bruxa*, Silvia explica como suas motivações intelectuais foram estimuladas pelas teorias e debates entre feministas radicais e socialistas norte-americanas. Principalmente, os debates travados em torno da questão das raízes da opressão feminina nos anos 60 (FEDERICI, 2017). Assim, partindo da caça às bruxas, a italiana tenta compreender os modos de organização do trabalho na sociedade capitalista, as implicações desse modelo produtivo para a reprodução do trabalho e, conseqüentemente para as mulheres. Sua obra supracitada, a mais completa, é um aprofundamento dos seus estudos sobre o impacto material da caça às bruxas começado em parceria com Leopoldina Fortunati no livro *Il grande Calibano: Storia del corpo sociale ribelle nella prima fase del capitale*, em

---

9 “A bruxaria pode ser vista como uma religião da ecologia. Seu objetivo é a harmonia com a natureza, para que a vida possa não apenas sobreviver, mas prosperar.”

1984. O personagem shakespeariano Calibã, no título, remete ao tema das bruxas já que, na peça *A tempestade*, é filho da bruxa Sycorax. Fortunati havia publicado anteriormente, em 1981, o livro *The Arcane of Reproduction*, no qual pensa a condição de trabalho das mulheres a partir de uma perspectiva econômica marxista, num estudo profundo sobre o trabalho produtivo e trabalho reprodutivo.

A partir desses estudos, elas salientam a diferença entre o trabalho produtivo e o reprodutivo, sendo o primeiro remunerado e o segundo não e, apesar disso, o trabalho reprodutivo, consubstanciado como trabalho doméstico e de cuidados, é imprescindível para a produção capitalista. A principal exigência, portanto, era por salários para o trabalho doméstico para que esse se tornasse visível.

As três vertentes acima apresentadas, quais sejam, o feminismo radical, o feminismo espiritual e o feminismo marxista compõe o objeto de estudo da pesquisa. A medida em que a pesquisa se aprofundou nas determinações materiais em que se gestaram a categoria de bruxa, os pressupostos das vertentes radical e espiritual e o próprio referencial teórico da pesquisa, baseado na memória social, foram colocados em questão. Isso se deu, principalmente, pelo entendimento de que algumas características das tendências radical, espiritual e a própria memória social sintonizam com as características do chamado pós-modernismo, nascente no mesmo período, teorizado por autores como HARVEY (2016), JAMENSON (1991), HUYSEN (1991), COUTINHO (2010), RODRIGUES (2006), para citar apenas alguns. Assim, na próxima seção serão apresentados, de maneira geral e esquemática, visto que a autora está começando a se apropriar do debate marxista sobre pós-modernismo, os principais questionamentos levantados em relação às vertentes apresentadas e a memória social.

#### **4 Memória, História, Feminismo**

Como a pesquisa se assenta no campo da memória social, as vertentes feministas foram pensadas a partir das diferentes maneiras de atravessamento da memória da bruxa pelo feminismo. Nesse sentido, além da atualização e reivindicação de uma figura histórica e a elevação do evento do caça às bruxas a um lugar de memória (NORA, 1997), o feminismo de segunda onda americano se valeu, em muito, do ato de compartilhamento de memórias de vida e experiências comuns às mulheres participantes. Os chamados grupos de tomada de consciência, onde as mulheres se sentiam seguras para, por meio de organização específica e

técnicas, falar de suas dores, funciona como um suporte para a memória ser compartilhada e apreendida coletivamente dentro de um quadro social (HALBWACHS, 1997). Outro entendimento possível seria pelo viés da memória tal como pensada pelo filósofo Henri Bergson, principalmente para o entendimento do feminismo espiritual, na medida em que a intuição, o método bergsoniano por excelência, seria valorizado por essa tendência, além da memória criativa e criadora presente nos rituais. Era, pois, a partir desses dois autores clássicos do campo da memória, ou seja, por meio do pensamento de Maurice Halbwachs e Henri Bergson, que se compreenderia a rememoração das bruxas.

No entanto, para além das modalidades de memórias e a importância da memória entendida como social para o feminismo, ao avançar na pesquisa podemos entender essas tendências feministas e suas postulações teóricas e práticas como manifestações localizadas em uma totalidade e em um período da história em que começam a ocorrer profundas mudanças na sociedade capitalista, como a introdução da modalidade de acumulação flexível do capital (HARVEY, 2016), com a organização toyotista da produção. As condições de trabalho se precarizam em regimes intermitentes ou de contratação. Ao mesmo tempo, o discurso do empreendedorismo, da liderança e da autonomia se disseminam e escamoteiam a exploração intrínseca ao capitalismo sob a promessa da liberdade meritocrática (ALVES, 2010).

Essa renovação do modo de produção capitalista ao mesmo tempo em que postula novos elementos, preserva o que há de mais fundamental: a lógica do lucro, da expropriação e a manutenção e concentração dos meios privados de produção. Ou seja, a forma mercadoria permanece intacta e junto com ela a teoria do valor, a alienação e a exploração propostas inicialmente por Marx.

Diversos autores desenvolvem teoricamente, baseados no referencial marxista, as consequências que a renovação da produção produz na sociedade. De saída, é preciso afirmar a relação necessária entre a flexibilização do modo de produção e as formas culturais da época, relacionadas ao fator da compressão do tempo e do espaço (HARVEY, 2016). Ou seja, a sensação de que “tudo que é sólido se desmancha no ar” (MARX e ENGELS, 1998) é exasperada e atualizada e os modos de alienação e estranhamento se aprofundam para a forma da espetacularização (DEBORD, 2007) ou a lógica da arte com pastiche (JAMENSON, 2013).

Mudanças culturais e subjetivas estão lastreadas nas mudanças operadas no modo de produção e extração da mais valia, isto é, na economia. A economia, aqui, é entendida de maneira abrangente, ou seja, como os meios materiais disponíveis para produção e reprodução

da vida humana. Não é sem surpresa, portanto, que a mudança na base econômica estruturante do capitalismo ressoou também no âmbito da cultura, como supramencionado, e na produção e teorização das ciências humanas. Nesse domínio, seguindo os prognósticos feitos por COUTINHO (2010) combinado com as teorias de LUKÁCS (1968), percebemos como o estruturalismo, de maneira inicial, e o pós-estruturalismo, de maneira completa, significam, em última instância, a conformação teórica que informa modos de lutas sociais rebeldes porém resignadas com a ordem do capital e toda a sua miséria.

Uma eminente característica do pós-modernismo no seu âmbito teórico, consubstanciado no estruturalismo e no pós-estruturalismo, é a supervalorização do discurso, dos símbolos e a conseqüente condenação da metafísica e da abstração, reduzindo-a a tecnicidade ou ao burocratismo totalizador. Assim, para essas correntes de pensamento, a apreensão da verdade ou da objetividade seria impossível e a própria ciência seria um construto linguístico eivado de subjetividades e parcialidades. No que concerne o estruturalismo, de acordo com COUTINHO (2010), sua principal característica é o irracionalismo, visto que o legado progressista do iluminismo baseado no humanismo, no historicismo objetivo e na dialética, com o horizonte da revolução é abandonado.

As ciências humanas, outrossim, entram em franca crise de paradigmas. No que concerne a história, há o surgimento da “nova história” que contestaria a história tradicional no sentido de aprofundar e enriquecer com objetos novos e temas inexplorados. GRESPAN (2004) argumenta que, na verdade, é o sujeito pesquisador que se encontra cindido e, portanto, incapaz de sistematizar, teorizar, organizar e explicar. Ora, o sujeito da pós-modernidade, diante da impossibilidade de planejamento do futuro é subordinado à lógica da moda e da mudança a todo instante. A disjunção da unidade do sujeito, no entanto, não é necessariamente negativa, mas uma promessa da própria modernidade, gestada ela própria por uma contundente fragmentação e ruptura que foi a Revolução Francesa. A Revolução Francesa se autocompreende como ruptura e emergência radical do novo.

Os objetos escolhidos por um sujeito pesquisador, seja historiador ou seja sociólogo, estão calcados na própria posição histórica que o sujeito se situa. Daí a necessidade de ter clareza sobre a tradição que pertence e a situação em que se encontra. A crise, momento inerente ao capitalismo, aprofunda as clivagens inerente à modernidade, como as entre o público e o privado e entre a política e a economia, por exemplo. Essas clivagens, especialmente a partir do ano de 1968, impuseram dificuldades à explicação e fez com que muitos historiadores

preferissem voltar ao relato e a narrativa (GRESPLAN, 2004). Nesse sentido, o campo da memória emerge tendo como pano de fundo essa crise de reestruturação do modo de produção, e, em muitos casos, foi calcada e sistematizada a partir das narrativas, da valorização da subjetividade, perdendo de vista categorias fundamentais, como a totalidade.

Ora, a reestruturação das forças produtivas no final dos anos sessenta teve como importante efeito o aprofundamento da sensação de compressão do tempo, passamos a entender o presente como urgente ao mesmo tempo em que o futuro é cancelado e o passado invade o espaço, muitas vezes de maneira reificada. Nesse sentido, o excesso de memória pode se tornar um obstáculo para o planejamento do futuro, ainda mais para a esquerda, indubitavelmente derrotada no século XX (TRAVERSO, 2018). A rememoração da história dos movimentos de esquerda é muitas vezes elaborada de maneira melancólica, tendo como horizonte o luto da perda do objeto perdido, a revolução. Outro aspecto que corrobora para a melancolia é a dinâmica da luta de classes na qual está submetida a memória e o fazer histórico. As vitórias e avanços sociais, culturais e econômicos produzidos pelas experiências revolucionárias são esquecidos ou difamados. A cultura da memória triunfa sobre o presente e bloqueia a imaginação de futuros alternativos.

A atitude melancólica, combinada com os novos fundamentos das ciências humanas, centrados no discurso e na linguagem, acabam por corroborar para uma espécie de escape da história. A memória é vivida ou de maneira reificada, coisificada em museus e em produtos culturais vintage; ou individualizada, baseada em experiências que perpassam os processos de alienação; ou de maneira fatalista, vivenciada como um passado perdido que interdita o futuro. Diante dessas observações, o referencial teórico inicial da pesquisa, ancorado em pensadores clássicos da memória, Halbwachs e Bergson, se apresentou, após a compreensão de determinações históricas mais profundas, como insuficientes para o desvelamento da categoria de bruxa, rememorada pelo feminismo.

Além disso, percebeu-se como o coletivo W.I.T.C.H, anteriormente apresentado, consubstancia muitas das características da modernidade disruptiva, fragmentada e em crise. Suas ações eram formuladas com o fim de chamar a atenção, de chocar. Essa tática não estava baseada em nenhuma teoria própria formulada pelo grupo, já que esse se absteve de pensar mais profundamente as relações das mulheres em sua historicidade, pois, como escreve a própria MORGAN (2014, s.p), as bruxas organizadas nesse coletivo “estavam ocupadas demais planejando ações”. O resultado são atos caracterizados pelo militantismo, ou seja, fechados em

si mesmos, uma vez que a ação é fetichizada, pois estranhada das suas determinações, tornando-se disfuncional. O coletivo W.I.T.C.H, dessa forma, fechado na sua própria lógica de espetáculo, se torna inócuo, sem qualquer vislumbre de transformação ou ruptura mais profunda ou contribuição mais sistematicamente teórica.

De outra maneira, a tendência espiritual do feminismo também apresenta características de irracionalismo. No entanto, essas estão estreitamente ligadas a tomada de uma posição romântica, apesar de essa ser uma forma de resistência anticapitalista inerente ao processo de modernização. De acordo com LÖWY e SAYRE (2005), que estudaram e sistematizam de forma rigorosa as formas de resistências românticas ao longo do capitalismo, são características desse tipo de posicionamento: a oposição ao desencantamento do mundo, a quantificação do mundo, a mecanização do mundo, a abstração racionalista e a dissolução de vínculos sociais. É verdade que, muitas vezes, essas críticas assumem uma posição reacionária, conservadora e, no limite, fascista. Porém, movimentos e críticas românticas, tais como as bruxas organizadas na religiosidade Wicca, podem assumir caráter utópico revolucionário. No entanto, o feminismo espiritual permanece na nossa concepção, limitado.

O viés romântico de retorno a natureza e sua ciclicidade e a condenação da tecnologia e da modernização, como fez o feminismo espiritual, perde de vista que é o próprio trabalho humano o mediador primeiro entre o homem e a natureza. Toda tecnologia é feita a partir da natureza pela mediação humana num longo processo de aprendizado e criação, e poderia servir a suas necessidades e a sua emancipação. Todavia, a sociedade está estruturada segundo o modo de produção capitalista, que opera conforme sua própria lógica, a geração de lucro, concentrado nas mãos dos poucos que detém os meios de produção, também conhecidos como burguesia, nas suas mais diversas frações, industrial, bancária, fundiária, etc.

Desse modo, o contato e apreensão do referencial marxista sobre o debate da história do capitalismo nos anos sessenta fez com que as premissas teóricas e, no limite, o próprio método da pesquisa fosse questionado nos termos sumariamente apresentados. Esse trabalho apresenta o início dos questionamentos estimulados pelo contato com essa literatura e aponta a abertura da pesquisa a uma nova forma de sistematização e compreensão do mundo que parte da obra marxiana e ainda precisa ser aprofundado.

## 5 Considerações Finais

É famosa a afirmação de Marx de que a história é a maior das ciências, no sentido de que todas as outras referências de estudo deveriam ser compreendidas de maneira histórica. Além disso, o objeto de estudo, desde o método marxista, deve ser apreendido pelas suas bases materiais, lastreadas, em última instância, na economia. Entendeu-se como necessária a retomada da tradição materialista histórica pela apropriação da teoria e metodologia marxiana de apreensão das relações sociais como formas de distribuição dos seres nas atividades de produção, já que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2017, p. 49). Assim, para se aproximar do entendimento do ser na sua complexidade dialética de ser social parece fundamental a apropriação da arma teórica metodológica marxiana. Por meio dela é possível não só compreender a realidade, como também formular táticas e estratégias efetivas para combater as ofensivas do capital, que influenciam, também, a própria produção de conhecimento.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**. O espírito do Toyotismo na época do capitalismo manipulatório. Boitempo: 2014.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. L&PM; Edição: Edição de bolso, 2018.
- COONTZ, Stephanie. **Marriage, a History**. How love conquered marriage. New York: Penguin Books, 2005.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Estruturalismo e miséria da razão**. Expressão Popular: 2010.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Contraponto, 2007.
- ECHOLS, Alice. **Daring to be bad**. Radical Feminism in America. University Of Minnesota Press, 2019.
- FAUE, Elizabeth. **Rethinking the American Labor Movement**. New York: Routledg, 2017.
- GRESPLAN, Jorge. O lugar da História em tempos de crise. **Revista de História**, nº151, p. 09-27, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Éditions Albin Michel, Paris, 1997.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Edições Loyola, 2016.

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. Companhia das Letras, 1995.

HYUSSEN, Andreas. “Mapeando o pós-moderno”. In HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

JAMESON, F. "Periodizando os anos 60" In HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Editora Ática, 1997.

LUKÁCS, G. **El Asalto a la Razón: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. Barcelona, GRIJALBO, 1968.

MARCUSE, Hebert. **O homem unidimensional**. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MARX, Karls e ENGELS, Friedrich. **O manifesto Comunista**. Boitempo: 1998.

MORGAN, Robin. **Sisterhood is powerfull**. Vintage: 1970

\_\_\_\_\_. **Going to far**. Open Road Midia: 2014.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire** (Tome I, II & III). Paris: Éditions Gallimard, 1997.

ORLECK, Annelise. **Rethinking American women’s activism**. New York: Routledge, 2015.

RODRIGUES, MAVI. **Foucault sem espelhos. Um pensador proto pós-moderno**. 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter– conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record,, 2005

STARHAWK. **The Spiritual Dance**. HarperCollins, 1999.

TRAVERSO, Enzo. **Le passe modes d'emploi**: histoire, memoire, politique. La Fabrique Editions: 2005.

\_\_\_\_\_. **Melancolia de esquerda**. Marxismo, história, memória. Ayine: 2018.